

CEDI - R. I. B.
DATA: 27/02/89
COD: 20000000

Entrevista com Paiaka - FITA 1

Altamira, Pará, dia 27.02.1989, após término do Encontro.

Participaram da entrevista: Beto, Márcio Santilli, André Villas Boas, José Carlos Libânio e Steve Schwartzmann.

Gravação em vídeo SVHS - Câmera: Murilo Santos/CEDI

(): Até você viajar pra fora, como é que o convite circulou nas aldeias, como é que o pessoal recebeu, o que o pessoal falou, como foi a repercussão do convite nas aldeias dos Caiapos, depois da reunião do Gorotire?

(): Depois de encontro no Gorotire o convite foi pelo rádio e carta pra outras nações caiapós. Agora, pra outras nações, outras regiões nós mandamos algumas cartas, alguns convites através do Cimi não se se Cimi enviou as várias cartas, porque nós pedimos pra ajudar mandar convite e dentro da reserva nós do Caiapó foi todo domingo o pessoal falando pelo rádio, comunicando o que que aconteceu depois do encontro, quer dizer, depois de uma carta de convite.

(): Depois que rolou essa notícia pelas Aldeias passou um tempo você acabou viajando, não foi?

(): É, eu tinha recebido um convite pra viajar na Europa, e depois desse encontro não teve nem tempo, quer dizer, antes eu já tinha recebido o convite e estava esperando pra receber as passagens então recebi a passagem, viajei pra Europa e também deixei o pessoal não desanimar, deixei todo mundo orientado pra continuar firme e que depois da minha chegada nós íamos começar a trabalhar preparando o encontro.

(): O Kube-í ia viajar contigo, por que que ele não foi?

(): Kube-í eu acho que ele se preocupou, mas ele estava, eu acho que ele estava preocupado, depois do encontro ele veio me perguntar, quer dizer, dizendo que o povo queria saber o motivo de minha viagem pra Europa, aí eu senti, respondi pra ele, se você quiser viajar comigo viaje se não quiser viajar não vou forçar pra você viajar comigo, aí eu voltei a explicar pra ele: Foxa, o pessoal está sabendo o que nós conversamos, você participou, então, por que você não explicou pra eles? Pro povo, então eu não quero mais perguntando sobre a notícia e depois ele pediu pra aguardar em Belém, aí eu estava aguardando recebi telefonema dele dizendo que ele estava com malária, ele estava indo pro hospital fazer exame pra poder viajar, aí depois chegou resultado que estava com malária, aí não podia viajar, então ele não viajou comigo pra Europa.

(): E ele que ficou animado o pessoal aqui enquanto você estava fora, como que foi?

(): Eu acho que ele ficou paralisado, agora, o povo mesmo estava animado, sem orientação de ninguém, mas mesmo assim o povo estava animado e também quem estava ajudando o pessoal a animar era o Pombo também.

(): Como que foi, rápido, podia dar um resumo da tua viagem, que lugares que você foi, com quem você conversou lá, como

que o pessoal te recebeu, o recurso que você levantou, contar um pouquinho dessa tua viagem.

(): Olha, eu fui primeiro pra Londres, de lá eu comecei a conversar eu fui pra uma Organização Amigo de Terra e pessoal tocou assunto pra mim que estava aguardando eu pra colocar vários problemas que estão acontecendo aqui e também sobre o nosso encontro aqui, então, eu fui bem recebido com várias pessoas que estavam organizando pra ajudar e também falei com um dos parlamentares que estava interessado de ouvir, aí eu coloquei todos os problemas que a gente estava enfrentando, agora em Londres mesmo eu estava, algum dia depois eu estava um pouco preocupado, eu achava que não ia dar certo, o pessoal ia usando eu, no final não tinha recurso pra fazer esse movimento, aí sempre eu fui aberto, tenho que dizer alguma pra, quer dizer, tenho que falar alguma coisa que eu sinto, depois de umas 3 vezes, não, depois de umas 4 vezes conversando, vários encontros, eu voltei a perguntar pra várias pessoas, que eu estou alguns dias muitos encontros, eu estou sem parar, eu estou me preocupando que eu acho que não vai dar certo, ninguém não está falando de recurso, estão só falando de defender, de pesquisa, o trabalho e ninguém não está falando de recurso, não vai dar certo, aí várias pessoas comentando comigo pra eu não me preocupar que vai dar certo de eu arrumar um recurso e em toda minha visita na Europa, por exemplo, em Holanda eu estive conversando com várias pessoas mas ninguém falava de arrumar um recurso pra ajudar a pagar a despesa aqui em Altamira e também eu sempre falava sobre o encontro, convidando todo mundo participar do encontro e estive na Itália também, a gente ia pra vários grupos que estavam ajudando e tivemos com vários ministros e parlamentares e ninguém falava sobre a ajuda de financiamento e na Alemanha também foi a mesma coisa, só falamos o que que estava acontecendo e falamos sobre barragem mas ninguém falou sobre ajudar o dinheiro pra pagar a despesa e depois teve na Bélgica foi a mesma coisa, ninguém falou sobre o dinheiro, aí fiquei um pouco desanimado na Europa, porque todo mundo falou sobre o encontro mas ninguém estava falando do dinheiro e quando eu voltei pro Canadá no aeroporto mesmo essa pessoa começou a falar pra mim que vai conseguir o dinheiro pra esse encontro, aí falei pra ele que eu estava preocupado que eu já tinha viajado vários países, eu já tinha quase um mês de viagem e eu estava preocupado de enfrentar o mundo e não conseguir nada, aí essa pessoa falou pra mim pra eu não se preocupar por ele precisando de dinheiro ele arrumava na hora, aí cheguei no sábado, passei domingo e na segunda à noite fizeram uma festa e convidaram só as pessoas que tinham dinheiro pra participar da festa e depois de alguns minutos veio essa pessoa que estava ajudando e falou pra mim que pra eu ficar sabendo que ele conseguiu o dinheiro queria mostrar já o dinheiro pra mim e eu disse que não, aí depois na mesma noite fomos pra um encontro, que foi organizado por essa pessoa mesmo, que tinha dado mais de duas mil pessoas que iam assistir, então

depois desse encontro essa pessoa veio falar que já tinha conseguido o dinheiro até ele falou pra mim: eu já perdi a conta do dinheiro, se você quiser que a gente cuida só do dinheiro e você quer saber agora quanto você já conseguiu a gente volta a conferir o dinheiro, cancela algum encontro e vamos conferir o dinheiro, aí eu falei pra ele que a gente vê depois, aí depois no outro dia nós viajamos pra outro lugar, uma cidade que chama Ottawa, de lá também nós fomos pra um lugar onde nós tínhamos convidado um cantor, um cantor que chamam Gordon o cantor, ele fez umas músicas, estava tocando e todo mundo estava contente de ver eu ao lado com o rosto pintado, dando mais atenção a todo mundo, todo mundo gostou e conseguiu mais dinheiro naquela noite e de lá voltei pros Estados Unidos. Nos Estados Unidos eu participei também de vários encontros mas ninguém falava sobre o dinheiro, de ajudar, então eu fiquei até contente quando passei no Canadá. Na Europa ninguém falava do dinheiro, se falava de arrumar dinheiro, mas até eu fiquei desanimado de só ouvir falar arrumar dinheiro mas não saber quantos dinheiro ia dar pra ajudar a fazer esse encontro.

(): E quando você estava viajando você ficou preocupado com o que estava acontecendo aqui, você estava falando com o pessoal por telefone, como é que é, você teve notícias daqui, mandou notícias pra cá, como era?

(): Eu não tinha contato, eu queria, eu fiquei preocupado, eu estava processado pelo governo, aí eu não queria manter uma comunicação todo o tempo, eu queria ficar um pouco assim sem notícia, eu estava bem, estava viajando, estava conversando, não tinha acontecido nada de prejudicar eu, então não tinha nada de mandar notícia, só que eu fiquei preocupado na Itália, eu estava sabendo que estava acontecendo alguma coisa de tristeza, então resolvi ligar pra Redenção, recebi uma notícia que meu tio tinha morrido, aí primeira vez que eu tinha feito a ligação pra saber como é que estava o pessoal.

(): Você diz como, você teve um pressentimento, é isso? Você resolveu ligar por que?

(): Não, é que eu senti, senti que eu estava triste, aí o que eu tinha experiência de quando sente, aí quando eu senti fiquei preocupado de ligar pra casa pra saber como é que estava a família e de vez em quando tinha contato com a família, através da minha família eu tinha recebido a notícia do povo, o povo dos Caiapós, então eu resolvi ligar direto pra Redenção, chegou essa notícia de falecimento do meu tio.

(): Agora, quando você esteve nos Estados Unidos você abreviou sua viagem lá, cortou vários compromissos e voltou pra cá, o que que aconteceu...

(): Eu fui direto pro Brasil dos Estados Unidos.

(): De Chicago né?

(): De Chicago pro Brasil que eu estava já com vários dias fora aqui do Brasil e estava acontecendo também com a minha família, a FUNAI não estava cuidando, ninguém estava ficando com minha família, minha mulher não sabe falar português, as

crianças começam a aprender, então fiquei muito preocupado e também quando aconteceu um pequeno acidente e ainda bem que não aconteceu nada com minha filha e daí comecei me preocupar e queria voltar e também já estava em cima do encontro, então eu tinha que chegar antes pra arrumar esquema do encontro, estava sabendo que ninguém não estava interessado em começar a trabalhar junto no começo, quer dizer, ajudar, aí eu tinha que vir embora pra eu mesmo começar a trabalhar de novo.

(): Paiaka, quando você estava viajando lá fora que você ia lá e conversava com as pessoas, o que que você dizia pra elas? O que elas estavam interessadas em ouvir, o que que conversou com elas?

(): Lá fora eu estava conversando com muita gente sobre a defesa de meio ambiente, a defesa dos índios na preservação de ecologia e até a barragem também e a barragem era um dos principais assuntos que eu estava falando pra todo mundo e depois de toda a explicação eu colocava pra todo mundo, olha, se você está defendendo somente a mata, a mata não vai significar nada pra você, e se você está defendendo somente o índio, o índio não vai ficar, vai ficar como índio, mas não vai ficar como o índio que tem algum significado não, e também eu colocava pras pessoas que o rio, você estava defendendo o rio, mas cada grupo separado nós estamos com menos força, então vamos juntar todo mundo, as pessoas que estão defendendo os índios, as pessoas que estão defendendo a floresta, as pessoas que estão defendendo o rio, as pessoas que estão defendendo a ecologia, então vamos juntar a nossa força, vamos unir nossa luta porque o índio precisa a terra, o índio precisa mata pra viver, sem mata o índio não vive, sem mata a caça como é que vai viver e somente a floresta sem caça, sem índio ocupar, sem as pessoas ocupar não vale nada, então vamos juntar toda a nossa força, toda a nossa luta, nós temos a força pra defender uto, então eu colocava isso pra todo mundo e depois disso vários grupos que não tinha contato, estavam começando a unir.

(): Em todos os lugares que você passou o pessoal te escutou com interesse? O pessoal gostou? Teve lugar que o pessoal gostou mais? Como que foi? Você sentiu alguma diferença?

(): Eu acho que na Europa eu senti, em Londres né, em Londres eu senti que muita gente estava interessada em ouvir e estava acreditando em toda minha conversa, agora, na Itália e na Bélgica e Holanda, Alemanha eu achei que, quer dizer, eu, no meu ponto de vista, eu vendo as pessoas eu achava que as pessoas não estavam acreditando e estavam achando que eu estava inventando alguma coisa. Agora, no Canadá, nos Estados Unidos eu estava sentindo que as pessoas estavam acreditando e tinha interesse de participar e tinha interesse de ajudar.

(): Bom, sobre essa fase da viagem alguém tem mais alguma pergunta? Vamos voltar pro Brasil e pra preparação da reunião.

(): ... acho que, pelo que você falou da viagem os dois lugares que você mais gostou foram Londres e depois o

Canadá, foi também desses lugares que veio o maior apoio, então o que você acha, você acha que dos outros lugares veio menos apoio e por que?

(): Eu acho que, bom, ninguém explicou e eu também não perguntei sobre outros lugares, que algumas pessoas de organização em Londres de Amigos de Terra falou pra mim que outras organizações vão dar dinheiro pra organização em Londres, então em Londres juntava o dinheiro e mandava pra cá, e ninguém falou também em ajuda que estava dando dinheiro, agora, em Londres, em Canadá, o pessoal falava já diretamente pra mim que estava conseguindo dinheiro e na minha presença estava sendo mais importante pra conseguir o dinheiro na hora.

(): Paiaka, o que você não gostou nessas viagens? Qual foi o lado ruim?

(): Eu não gostei porque me colocaram eu como a experiência de tudo, então, por exemplo, pra embarcar no avião eu tinha que ir sozinho, avião, eu tinha que chegar sozinho, encontro pessoas que iam fazer tradução pra mim na hora do encontro, mas depois do encontro eu fiquei sozinho todo o tempo, então a única coisa que eu achei ruim.

(): Paiaka, como que é pra você a diferença entre viajar pelo Brasil conversar com brasileiro e viajar pro estrangeiro. Como é pra você essa coisa do apoio do estrangeiro, o que que é igual, o que é diferente, como você vê essa coisa, porque as pessoas ficam falando que ter o apoio do estrangeiro é intervir no Brasil, como é essa história, como você vê isso?

(): Eu acho que a minha conversa com estrangeiros é meio livre.

(): ...

(): Eu acho que a minha conversa, o meu contato com os estrangeiros, que eu sinto, né, é meio aberto, é livre. Agora, o contato com brasileiro aqui, principalmente aqui é meio fechado, meio amarrado, quer dizer, não tem a liberdade pra conversar, então pelo que eu sinto o contato com o estrangeiro e o brasileiro eu comparo os brasileiros como um tipo assim que tem barreira, é uma tentativa de passar pra conversar e o contato com o estrangeiro é um pouco assim, que eu sinto, é liberdade, é livre, conversa qualquer hora, conversa com qualquer pessoa, as pessoas tem interesse de conversar, tem interesse de ouvir, então no Brasil o que eu sinto é que ou as pessoas não tem interesse de ouvir e acha que é uma coisa que não interessa pra todo mundo, pelo que eu sinto, a diferença.

(): Você acha que isso pode mudar com o encontro? Você acha que isso vai melhorar ou você acha que vai piorar? Que vai ficar mais difícil?

(): Eu acho que vai melhorar, mas de outro lado aqui no Brasil os brasileiros vão ganhar mais experiência ainda, nós não podemos melhorar sozinhos, quando melhora aqui o outro lado também já tem melhora pra atacar de novo, então, consegue e outro consegue pra não outro passar sozinho.

(): Depois que você voltou pra cá, dessa viagem, começou um tempo de começar a pensar na reunião mesmo, organizar a reunião, esse tempo foi um tempo difícil porque o recurso demorou a chegar e era fim de ano aqui também, como é que foi esse tempo, você está lembrado?

(): Eu, depois de chegar aqui eu achei muita dificuldade porque eu comecei a me preocupar sobre, a primeira coisa que eu estava me preocupando era com o repasse do dinheiro, eu já vim com a preocupação fora do Brasil porque várias pessoas comentavam que talvez os governos sabendo iam criar algum problema, depois eu chegando aqui no Brasil eu comecei a me preocupar de ter conseguido um recurso lá fora pra manter esse encontro e encontrar algum problema e não receber esse dinheiro aí comecei a me preocupar muito, mas mesmo assim eu estava criando coragem pra fazer esse encontro e teve na minha aldeia pessoal animado.

LADO B

(): E teve na minha aldeia pessoal animado, estava perguntando e eu falei pra todas as aldeias que nós íamos atrasar um pouco o dinheiro não estava chegando pra cobrir a despesa da viagem, retirar o pessoal, levar pro encontro.

(): Quando você tinha planejado inicialmente a reunião você estava pensando já no começo de janeiro você já ia estar aqui em Altamira, com o pessoal pra começar a construir a aldeia e que o pessoal, a maior parte do pessoal ia descer de barco e tal. Que coisas aconteceram pra que não fosse bem assim, além do atraso do recurso que mais aconteceu pra que os planos fossem mudando e atrasando um pouco.

(): Eu acho que são duas coisas, a primeira que nós tivemos uma dificuldade de distância, de mandar o barco trazer o pessoal da aldeia até Altamira e nós achamos também que ia ficar mais caro ainda, ia ter mais despesa de mandar o barco, porque muita gente então tinha que ter a comida, tinha que ter as pessoas pra fazer a comida pros índios, pro barco não ficar parado e de subida o barco estava previsto com 5, 6 dias pra chegar na aldeia e na descida levava uns 4 dias pra chegar, então, quer dizer, uma viagem levava 10 dias pra chegar então nós achamos que muita dificuldade, muita demora pra ir e voltar trazer os índios e de ônibus, eu estava achando que dava pra chegar mais rápido, as no mesmo tempo tinha que ter o dinheiro pra pagar alimentação na viagem e segundo que eu estava preocupado porque esteve assim um pouco difícil foi a pessoa no começo pra ajudar, então, tinha as pessoas pra chegar e ajudar, mas estava demorando de chegar, então a gente sofreu um pouco de dificuldade de facilitar o trabalho pra começar a organizar no começo com a gente queria.

(): Então, você falou várias vezes para mim que você estava sozinho. Eu queria que você me explicasse melhor isso, que a gente inclusive não tinha entendido bem certo o que isso queria dizer porque a gente ficava pensando que tinha outras pessoas entre os próprios Caiapós que poderiam te ajudar a

fazer uma parte desse negócio a nível local. Como é que você se sentiu, como é que é pra você esse negócio, quem é que você tem entre os Caiapós, porque eu senti inclusive durante todo o tempo, depois eu vim a entender, durante a reunião, você estava inclusive preocupado em que novas pessoas caiapós aprendessem a ajudar a organizar uma reunião, ou seja, quando essa reunião estava sendo preparada com quem que você contava pra organizar a reunião?

(): Eu sempre falava que eu estava sozinho, porque ninguém aparecia na hora pra ajudar, por exemplo, várias pessoas de fora aqui do Brasil ligaram e deixavam recado e eu estava precisando de alguma pessoa pra já ir trabalhando comigo, dando mais orientação melhor pra mim, eu sentia também muita dificuldade com muitas palavras difíceis que eu não conseguia entender e mesmo assim de escrever também, mas ninguém, eu acho que ninguém interessava de ajudar no começo e também alguém ficava já mandando a carta pra várias pessoas, como era o Plano de Encontro e qual a aldeia que ia participar desse encontro e também estava querendo algumas pessoas já ficar a disposição pra fazer contato, dando apoio pra nós de comunicar as pessoas que estavam interessadas de participar desse encontro, então eu achei que eu estava fazendo medo pra todo mundo, quer dizer, ninguém queria ajudar no começo, achava que não ia dar certo ou então eu achava que as pessoas estavam pensando que talvez criava algum problema, prejudicasse as pessoas, então eu senti depois de alguns dias eu voltei pra pensar melhorar, aí eu parei e comecei a pensar, eu acho que eu estou sozinho realmente querendo lutar, muita gente está pensando em lutar, mas é uma luta assim, mandar um documento aguardando o resultado de não sei quantos anos, eu acho que é muito diferente de eu como índio pensando em lutar, eu acho que por isso ninguém está querendo chegar na hora pra ajudar, tudo bem, em costume de luta, tem costume de ajudar, tem costume de trabalho, mas eu tenho costume de lutar e trabalhar também, eu acho que a falta de conversar, sabendo as pessoas, e eu mesmo teve uma compreensão de entender que eu acho que as pessoas estavam preocupadas de, por exemplo, no caso da FUNAI, convidei muitas pessoas da FUNAI pra começar a me ajudar só de boca falava que basta falar e quando convida pra trabalhar ninguém queria chegar pra ajudar, então eu comecei a entender, eu acho que todo mundo estava preocupado realmente porque eu não vou perder emprego das pessoas por causa desse encontro, pode ser que realmente prejudica e as pessoas perdem emprego, e aí fica mais difícil pras pessoas viver, então eu acho que deixa o pessoal, deixa eu começar a trabalhar sozinho, porque eu trabalhei pra FUNAI, quer dizer, eu não trabalho pra FUNAI, eu estou na FUNAI, mas estou trabalhando pra o meu povo, se achar que a FUNAI pode me demitir eu acho que muito melhor ainda porque a minha vida e na aldeia, sei caçar, sei pescar, sei fazer minha roça, sei colher, sei fazer a minha casa, então eu acho que na cidade algumas pessoas não podem fazer isso, perdendo o emprego fica mais difícil pra pessoas

viver, então deixa o pessoal ficar até o ponto que acha melhor de me ajudar, então por isso que eu fiquei sempre falando que eu estou sozinho e ninguém estava pronto pra ajudar.

(): Pra quem mais você pediu ajuda, além da FUNAI?

(): Além da FUNAI eu telefonei pro pessoal do CIMI e ninguém estava interessado de ajudar e teve em SP na Comissão Pró índio colocando que eu estava convocando as pessoas pra fazer esse encontro em Altamira eu acreditava que essas pessoas ajudavam, mas depois eu senti que ninguém não tava querendo ajudar, quer dizer, tinha vontade de ajudar mas ao mesmo tempo acho que ficava com medo.

(): Quando é que você sentiu que engrenou a reunião? Quer dizer, atrasou, tal, você estava sozinho, mas teve uma hora que engrenou, não foi?

(): Eu senti quando eu tive um encontro com o grupo em SP, depois de uma conferência de imprensa que teve lá no CEDI eu comecei a me animar, fiquei sabendo que vai chegar várias pessoas pra ajudar e depois quando eu veio pra cá, pra Altamira, eu cheguei aqui não encontrei as pessoas pra ajudar, depois eu voltei de novo pra Belém e ia pra aldeia quando chegou o Cleiton, ele, quando chegou fiquei mais animado sabendo que as pessoas já estavam começando a aparecer pra ajudar e depois teve aqui em Altamira aqui de novo, quando encontrei o Márcio, ele teve passou por aqui também, aí eu não tinha mais, quer dizer, eu já deixei a preocupação de não ficar sozinho, aí comecei a me animar, estava começando a chegar as pessoas pra me ajudar.

(): Agora, estava tudo sendo organizado, correndo, e quando estava perto de começar a reunião você ficou doente, não é? Que que você acha que aconteceu...

(): Eu, depois, comecei a me animar e o tempo já estava se aproximando, a data já estava se aproximando, aí eu comecei, quer dizer, deixei a preocupação de ficar sozinho, de não ter ninguém pra ajudar, mas já passei pra outras preocupações também, quer dizer, fiquei preocupado de em cima da hora, não me atrapalhar muito e não conseguir trazer as pessoas numa boa, aí eu tinha que ir lá pra trazer o pessoal, aí quando eu cheguei estava sentindo uma dor, mas não estava com a idéia de que ia aparecer uma doença forte, aí domingo eu tava me sentindo muita dor, já era tarde e a chuva não deixava eu viajar pra aldeia conversar com todo mundo, organizar quem tava interessado em participar do encontro e também tava querendo saber se tinha algum trabalho, quer dizer, as pessoas não podem abandonar o trabalho de coleta, pode prejudicar, aí de repente eu senti muita dor de noite, aí no outro dia eu tinha que voltar, tava marcado de eu voltar terça-feira pra Altamira, voltar segunda-feira de Tucuma pra Belém, na terça-feira tava marcado de chegar, tava muito assim animado de chegar logo pra começar a trabalhar no começo, aí, de repente, teve uma dor, era muito forte eu não tava aguentando mais, cheguei, fui direto pro hospital. Aí quando o médico fez exame a primeira coisa que o médico falou, falou que eu talvez tinha

que me operar, mas eu já fiquei preocupado, me deu vontade de perguntar, quer dizer, me deu vontade de dizer pra o médico que eu estava trabalhando, eu tava fazendo uma organização, um encontro que eu não podia demorar, mas falei, depois, quando ele já tava encaminhando eu pra cirurgia, eu perguntei se essa operação durava menos hora, aí ele falou que depende, tem operação, se o caso é complicado, talvez demorava mais de 3 horas ou 4 horas e ele falou que se caso não tenha problema nenhum, demora até 1,5 ou 2 horas, é a mínima hora que pode demorar, aí eu coloquei pra ele que eu tou fazendo um congresso lá em Altamira e eu sou o coordenador desse movimento, então eu não pode ficar muito tempo fora, aí ele ficou, diz assim: Olha, vamos rezar pra que dê tudo certo pra você volta a trabalhar. Aí me perguntou qual data que seria começado o encontro, falei pra ele dia 20, aí ele falou talvez lá pelo dia 23, 24 você tinha que ir, aí eu falei pra ele que dia 24 era o encerramento do encontro, eu não podia deixar, ali ele resolveu de me operar imediatamente.

(): Mas você chegou a pensar que talvez você não pudesse vir pra cá, como que você tentou resolver isso?

(): Não, eu não tava pensando de eu tava pensando no mesmo tempo eu tava sentindo é que eu tinha que estar no começo pra participar o encontro e eu já sabendo que eu não ia chegar atrasado, mesmo que operado, eu chegava, eu tinha um sentimento, uma comunicação, um tipo assim, uma comunicação que tem verdade, então, quando antes de me operar, eu não tava pensando de não participar o encontro, tava pensando de estar no encontro, e depois de operado continua pensando já está o encontro e várias pessoas tavam preocupadas de eu não comparecer, começaram perguntar ao médico, aí o médico falou que depende de eu, depende do meu organismo, quer dizer, resistência de organismo, aí, quando ele viu que eu tinha que ficar com menos dia no hospital pra receber alta, aí ele veio falar que talvez até sexta ou sábado eu tinha que receber alta, aí ele confirmou que tenho que participar o encontro.

(): Você acha que a sua preocupação com a organização do encontro ajudou a doença, trouxe a doença, trouxe a dor?

(): Eu acho, eu acho que a preocupação, porque sei lá, não tem hora pra comer, não hora pra dormir, é um pouco assim muito preocupante que eu tava, então depois quando eu me senti mal, eu voltei a pensar que eu acho que a preocupação que ajudou de aparecer algumas doenças.

(): Paiaka, quando você chegou aqui em Altamira, bom, a imprensa já estava aí, o acampamento organizado, enfim, como é que você sentiu a tua chegada aqui, o que que o pessoal tava falando, o que que os índios estavam falando, como é que tava o que que tava rolando aqui quando você chegou, antes de resolver a questão do programa, quando você chegou aqui qual era a conversa entre os índios?

(): Antes de chegar em Altamira, o pessoal começou telefonar pra casa deixando recado que tava começando a chegar as pessoas e a gente não tem conhecimento com as pessoas e não

sabe quem é que tava chegando e tava me perguntando também se podia deixar os jornalistas, pessoal da imprensa participar o trabalho de construir a aldeia, e também me perguntando se podia deixar as pessoas filmar, aí eu falei que todas as pessoas que tão chegando pra ajudar nós, pra filmar, pra fotografar, pra tirar entrevistas, são as pessoas que estão pra divulgar a notícia, o que que vai acontecer, aí o pessoal entendeu, que tava, eu não tive tempo de sentar e explicar pra todo mundo que ia chegar muita imprensa, então por isso que eles começaram a ver a chegada da imprensa ficaram perdido, não sabe quem tá chegando, não sabe quem é que vai tirar fotografia, não sabe quem vai filmar.

(): Não, é que nessa fase aí que tava aquele grupo montando o... quem que ficou coordenando o trabalho aqui, que falava com você era o Ireô, você podia falar um pouco dele, por que que você escolheu ele, foi uma pessoa importante que vai aparecer?

(): Ireô ele é um índio que eu tenha confiança do trabalho, ele sempre fazia o trabalho certo, aí o branco que não goste do trabalho dele, fazendo a cabeça dos próprios parentes dele pra dizer que ele não é filho de cacique, que ele não é filho de liderança, pra fazer esse tipo de trabalho, mas foi eu que tinha indicado ele pra ajudar a coordenar o trabalho no começo e quando eu tava no hospital ele telefonou pra mim, dizendo que ia deixar de ajudar, aí eu falei pra ele que eu, como coordenar do encontro eu indiquei você pra trabalhar, aí ele voltou firme pra ajudar, não é só aqui eu tava colocando de ele trabalhar, ele me ajudou também com a ida pra Brasília na questão da lei dos índios que tava aprovando, aí eu queria a presença de muito índio no Congresso, aí então ele trabalhou também ajudar organizar, mandar avião, hospedagem, a saída, então ele ajudou, então ele já tinha alguma experiência, então por isso que eu indiquei ele de ajudar, e ele é um índio que fala toda a verdade, ele não tem igual com outros índios que tem interesse de quer ser inteligente, quer dizer, querem mostrar que são chefe, mas ele é um índio que tem interesse em trabalhar, ajudar, quer aprender as coisas.

(): Então, Paiaka, vamos entrar propriamente no programa e na reunião, tem várias coisas importantes que aconteceram nessa reunião... é bom a gente depois, no fim da entrevista, abrir esse pacote e filmar você olhando as matérias, vamos continuar, que se a gente abrir isso agora...

(): ...

(): Quando você chegou aqui, depois que você tomou pé da situação, teve uma reunião lá na Betânia, onde finalmente a idéia do programa, sabendo já quem que ia chegar, quem que tava, você teve uma reunião lá onde se resolveu qual era o programa, então eu queria que você explicasse um pouco como é que fechou o programa e se você depois foi conversar com o pessoal, explicando mais ou menos como que ia ser a reunião, isso que eu queria saber.

(): Eu não tinha encaminhando também vários programas que foram feito junto com o pessoal da SOPREN e eu segurei de dar essa programação porque eu achava que tinha mais coisas ainda pra incluir no programa, então eu não podia mandar o primeiro programa pra complicar então o pessoal ficou um pouco perdido, não estava sabendo o programa e quando eu cheguei juntei todo mundo, se reuniu, e colocou mais idéias ainda pra incluir no programa que já tava feito e várias coisas, vários assuntos que tavam sendo importantes pra serem incluídos no programa.

(): Bom, e esse programa teve uma abertura na segunda e na terça-feira foi o dia que as autoridades do governo federal falaram, eu queria que você explicasse o seguinte, quer dizer, a Eletronorte que era uma coisa, era uma conversa importante nesse programa mandou pra cá o diretor de Planejamento de Engenharia, que era o tal José Antônio Muniz Lopes, a gente ouviu falar que o José Antônio já conversou com vocês várias vezes e que o pessoal lá no acampamento não queria mais escutar conversa velha, queria escutar conversa nova, e a Eletronorte mandou o mesmo cara, como que foi isso, é verdade que vocês tiveram que fazer uma discussão à noite lá, até pra garantir que ele falasse porque o povo não queria mais escutar conversa velha, como que foi isso? Como que você entendeu a vinda dele?

(): É verdade que o pessoal não queria ouvir mesmo a conversa, queria que outras pessoas que os índios não conhecia ele, que ele podia explicar algum estudo, algum trabalho, mas ele já tinha um trabalho, ele já tinha um encontro com outros índios de outra nação do Maranhão, então ele achava que todos os índios acreditavam ele, mas ele chegou, quer dizer, primeiro eu tinha encontro com ele, ele tocava vários assuntos, falava muito e não chegava de dizer palavras que todo mundo podia entender, então eu mesmo fiquei um pouco chateado com ele quando teve um debate sobre hidroelétrica do Xingu em Belém, um prédio do centro, então quando nós fomos Tucuruí o pessoal falava dele, que ele ia chegar para explicar alguma coisa sobre construção de barragem aí eu já preparei o pessoal: olha, esse cara ele tem muita conversa, ele vai chegar, vamos deixar ele falar. E nós deixamos ele falar, mas quando ele começou a passar uma filmagem, uma pesquisa no começo, ia aparecendo índio também nesse filmagem aí

(fim da fita s-vhs N.9)

Entrevista com PAIAKA - FITA 2

LADO A:

(): ... quando eles começaram a passar o filme tinha índio no filme.

(): Tinha índio no filme aí eu quando chegava equipe do CENEC, precisava de intérprete, precisava de um índio pra fazer a tradução, então, eu já tinha ajudado muito ele, de ajudar traduzir pro índio amarrar pra medir a profundidade do rio, colocar um negócio pra medir a profundidade do rio, aí ajudei também de ajudar um índio pra fazer um barraco, montar um barraco pra fazer acampamento, então eu lembrei na hora quando ele passou esse filme eu lembrei tudo que a gente ajudava de fazer, o índio vendia, quer dizer, o índio não vendia, o próprio cara trocava artesanato por bolacha, açúcar, café, até a caça, o peixe, a caça também trocava, então quando começou a passar esse filme eu passei a voltar, a recordar tudo no começo, aí eu pedi pra não passar mais filme, então ... filmagem toda que vocês fizeram, aí mandou parar. Aí comecei a explicar, porque que vocês não tiveram coragem de explicar pra nós naquela época que vocês começaram a pesquisar, aí eu mesmo comecei já brigando com ele direto, então corta o filme, não quero nem saber desse filme, vamos conversar agora, comecei a explicar, até coloquei na frente dele, no começo do trabalho a equipe de vocês usando a mulher do índio e na época todos os parentes que estavam me ouvindo falando isso, não teve coragem de falar pro trabalhador de vocês, então eu tou dizendo já pra vocês, vocês faltou coragem de vocês explicarem pra nós o que era barragem, pra que tavam fazendo esses tipos de pesquisa, então não tiveram coragem de explicar e agora, depois de construir a barragem vocês estão passando esse filme, então não quero esse filme, aí perguntei a todos parentes se eles estavam de acordo passar o filme, aí todos eles ficaram contra aí começou a agitar, começou a levantar clima e aí ninguém queria mais ficar ouvindo ele conversando. Então, todos eles já sabendo quem é ele, e não queria deixar de ele falar, aí eu deixei pra falar, falei pra ele que ele tava representando a Eletronorte, ele tinha que dizer alguma coisa pra nós, aí deixei ele falar.

(): Naquela conversa lá em Tucuruí, todos os índios estavam de acordo de ser contra a usina, teve alguém que fez fazer acordo com a Eletronorte?

(): Não. Nenhum não teve a idéia de fazer acordo nenhum, todos eles contra. Todos os índios que estavam visitando Tucuruí estavam contra a barragem, porque eles viram um alagamento a beira do rio, tudo, no fundo até Castanheiro estava no meio de uma lagoa, aí eles viram isso e todos eles foram contra.

(): Paiaka, lá em Tucuruí o diretor da Eletronorte entregou esse documento aqui pra vocês, como é que foi, ele queria entregar mais e vocês receberam só um, podia contar um pouco mais sobre isso, mostrar esse documento pra câmera.

(): Olha, esse documento eu falei pra ele, quer dizer, ele falou que tinha o documento pra entregar, aí eu falei que ele trouxesse esse documento, aí quando ele trouxe, depois da filmagem o pessoal já estava brabo com ele, aí eu pedi pra ele assinar só um, pra gente levar e estudar o que que está escrito, se tem alguma coisa importante nesse documento e ninguém quis receber esse documento.

(): E vocês leram esse documento?

(): Não tive nem tempo de ler, só pegamos e trouxemos pra alguém ler e explicar pra nós.

(): Agora, voltando aqui pro dia que eles estavam falando aqui no centro comunitário, esse dia foi, porque como a maioria do pessoal fala a língua, embora tivesse tradução, você podia falar um pouco o que que aconteceu aqui nesse dia que ele tava falando. Houve o gesto do ... com o facão, esse gesto foi um gesto que muita gente falou, então você podia contar um pouco, contar, por exemplo, se esse gesto já estava pensado no dia anterior, se estava planejado fazer isso, como foi?

(): Não, não estava planejado, é que só na hora que ele começou a falar e todo mundo tava sabendo quem era que tava, que eu expliquei, quem era que ia falar e ela fez isso, botou a ponta de faco no rosto dele porque é uma coragem, um costume e uma tradição de nós os Caiapós, pode ser a mulher que faz assim, pode ser um homem também, tanto faz como a mulher qualquer um faz isso e também pra chamar a atenção das pessoas, que as pessoas, quer dizer, não estavam nem ouvindo, já falavam várias vezes e não estão ouvindo ou então se esqueceu de explicar, esqueceu de dizer pra pessoas quando então o encontro uma conversa assim então faz.

(): O que que ela disse pra ele com aquele gesto?

(): Falou que vocês estão olhando nós aqui, muita gente, agora, você acha que todos os índios é igual, mas tem a mulher, tem a criança, tem o índio o adulto, então eu estou falando com você, você está me vendo como uma mulher índios, então eu vou chamar atenção você pra você não esquecer, você vai transmitir pra sua chefe que é que está conversando com você é uma índia, que tá conversando com você. Então foi isso que ela falou.

(): Quer dizer, aquele é um gesto de quem está brabo ou não? Eu não entendi direito, qual que é o significado daquele gesto.

(): Não, não é brabo, é chateado, não é chateado pra bater, uma pessoa chateada, não sei, pelo que eu entendi, pode ser que eu não estou entendendo bem, em português chateado é quando você não bate, você briga, você xinga, você discute, certo, não é de bater, de brigar, então realmente ela foi falar duro com ela e não era pra pensar que ela tava brigando.

(): O governo falou depois que isso aconteceu que os funcionários da Eletronorte não deveriam mais ser reunir com os índios, porque eles corriam risco de vida. Você acha que os funcionários correm risco? em que situação eles correriam risco?

(): Eu acho que eles tavam risco de vida, que tá correndo risco de vida, quem podia dizer isso era nós índios, certo, de morrer de doença, morrer de homem branco que invade a terra que o índio pode defender a terra o homem branco acha ruim pode atirar no índio ou invade a terra pra garimpar, invade a terra pra tirar madeira, invade a terra pra queimar, então nós índios deveríamos o risco de vida, então ele não foi risco de vida.

(): Sobre esse caso, eu vou passar pro caso do Sting, são episódios do meio da reunião que merecem ser...

(): Eu queria fazer mais uma pergunta sobre a Eletronorte. A Eletronorte falou na reunião que vai construir só uma usina. O que que você acha disso, você acha que dá pra acreditar nisso que a Eletronorte tem condição de garantir isso, o que que pra vocês só é importante a usina quando ela inunda a terra de vocês ou como é que isso pra vocês, faz alguma diferença eles dizerem que é só uma?

(): Eu acho que não tem diferença de construir uma barragem, pra mim não tem diferença não, se construir uma barragem já é começo, pode construir um, mas o estudo está pronto, ou então vais eguir no estudo, depois de construir um vai saber onde vai a força, então se a força não tá alcançando pra chegar até onde queria, aí tinha que continuar pra fazer outro, certo, e se o dinheiro não tá compensando aí é construir mais uma ainda, certo, então eu não tou acreditando e não vou acreditar de construir uma barragem, construir uma barragem ia significa o começo de construir barragem, então é o que eu to entendendo.

(): Mesmo assim vocês acharam importante reclamar com o governo que ele tava chamando a barragem de Kararaô, por que hem?

(): Eu não sei, nós índios deveria perguntar pro governo porque ele tá chamando a barragem de kararaô. Ele tinha quer perguntar, ou então perguntava nós, os índios, o que que significa kararaô, então, mesmo sem saber o que significa o kararaô tá usando o nome do índio sem saber.

(): E o que quer dizer Kararaô?

(): Kararaô é um grito de guerra dos caiapós, quer dizer, Caiapó guerrio com outra nação na hora de briga gritava essas palavras kararaô, então os caiapós aprenderam essas palavras e toda vez vai guerrear, é uma luta, uma festa, se lembra dessa guerra e começa a gritar o kararaô, grito de guerra, para apavorar o inimigo, pra fazer medo ao inimigo, então pra nós é um grito de guerra.

(): E vocês acharam que eles porem o nome de Kararaô sem falar com vocês era uma forma de chamar pra guerra, era uma provocação?

(): Nós, pra nós índios, nós achamos que fizeram isso pra provocar o índio, então nós sentimos isso.

(): Tem um grupo caiapó que a terra deles chama kararaô?

(): Tem.

(): E por que que esse grupo chama kararaô, pela mesma razão, foi com eles que vocês brigaram?

(): Não. É como eu falei, os caiapos guerreiro, quer dizer, antigamente saía grupos por exemplo meu grupo, eu tenho meu grupo, eu comando, eu tenho a liderança do meu grupo, aí o Irao tem o grupo dele, comando o grupo dele, aí por exemplo o Kubei tem o grupo dele, então ele comanda o grupo dele, então um de nós, nós vamos decidir de sair pra buscar o inimigo, brigar com o homem branco, brigar com os próprios índios de outras nações, então alguns dos grupos antigamente saíram pra guerrear com outras nações, aí esse grupo saíram e guerreou com outras nações e aprendeu esse grito que chamam Kararaô, aí quando chegou no grupo, na aldeia, aí falou que nós não somos mais um grupo de tal nome, nós somos kararaô agora, então colocou o nome de um grupo que chamam kararaô, aí na época em que entre nós mesmo nosso povo antigo começou a se dividir, começaram a brigar, dividiram o grupo, aí o outro grupo que chamava kararaô aí se afastou de nós e na época SPI pacificou e não cuidou todo mundo os grupos de kararaô todo mundo se acabou de uma doença, aí tinha mais uma família que tava isolada, não tinha contato, aí quando nós vários índios vieram pra Altamira pra ajudar de procurar outras nações, aí encontrou com um pequeno grupo, quer dizer, uma família de kararaô, então nós conseguimos conversar com esse grupo e ainda tem a família de kararaô, era um grupo que atacou algumas outras nações e aprende esse grupo e ficou com esse nome de kararaô, mas kararaô é um grito, grito de guerra.

(): ... que rolou a conversa com a Eletronorte os caiapos estavam pintados de guerra, certo?

(): Não, essa é uma tradição nossa, a pintura pode ser luta, pode ser guerra, pode ser festa, quer dizer, toda pintura é uma pintura de coragem, então quer dizer, se eu não vou pintado, quer dizer, eu não tenho coragem, eu sou uma pessoa que não luta, não tem coragem, então todas as pinturas nós dos caiapós é uma pintura de luta, de coragem, não é uma pintura de guerra. Pintura de guerra já é diferente, pintura de guerra por exemplo não pode nem ser a metade do rosto pintado ou a metade do corpo pintado, pintura de guerra seria todo mundo preto, rosto até o pé, certo? Porque pra ver se o inimigo vem aí não sabem que era aquele, então a pintura de guerra é diferente.

(): Agora, quando o pessoal chegava no centro comunitário pra reunião, entravam os grupos cada um de uma vez, por aldeia, cantando coisas, o que que as pessoas cantavam, como era que era esse negócio dessa entrada?

(): Esse é um tipo assim, um tipo político.

(): Então, como se você tivesse vendo um dia as pessoas entrando, você podia contar como é que...

(): Todo dia que ele entra, cada grupo entra cantando porque é coragem de lutar, todos os grupos que tem a sua força, então por exemplo, tinha dias que chegava primeiro o grupo de Gorotire, então ele entrava primeiro cantando, quer dizer, chegaram e tão mostrando a coragem de lutar, e depois chegando o grupo do Aucre, da minha aldeia, ele também mostrou a coragem dele que não pode ficar só olhando os

parentes mostrando a coragem dele, ele tinha que mostrar também a coragem dele, então toda a chegada, então toda a vez na chegada e na saída também que mostra, essa uma tradição nossa é um tipo assim de política.

(): Aí o dia que estava aí o pessoal da Eletronorte, foi nesse dia, de repente chegou aqui em Altamira o Sting, acompanhado pelo acampamento, queria que você contasse um pouco como foi isso, ele estava sendo esperado e tal, porque a imprensa disse que vocês trataram mal, botaram o Sting pra fora...

(): Olha, Sting nós tinha pensado de convidar pra ele comparecer e chamar mais atenção ao povo, ao público pra participar nosso encontro, mas nós nem estava esperando que ele vinha com Raoni, vinha com outros projetos dele, e nós não estava esperando isso, mas mesmo que ele veio com outros tipos de projetos diferentes nós recebemos ele, nós conversamos com ele, agora ninguém foi contra o projeto dele, nós gostamos do projeto dele e apoiamos ele, porque ele veio com os parentes nossos, Raoni o Mecaron e o próprio Raoni e o Mecaron não colocou a proposta do Sting pra nós, os índios, só na hora quando ele chegou ele explicou pra nós que tava acompanhando com Sting que ele tinha um projeto pra apoiar os índios e nem Raoni não falou nada sobre os projetos do Sting.

(): Queria saber da imprensa aquele dia lá, da imprensa do Sting, você podia contar, a imprensa tava lá desde o começo pra fazer a aldeia, como que foi a relação com a imprensa?

(): A relação da imprensa com os índios eu acho que foi bom, não teve problema nenhum, agora a própria imprensa divulgou uma matéria dizendo que nós índios expulsamos o Sting, eu acho que a própria imprensa que expulsou o Sting porque o índio tava querendo conversar com ele, que tomou conta dele foi a própria imprensa, não foi o índio não, então colocaram tudo ao contrário, o índio que tava querendo conhecer, todos os jornalistas, cinegrafistas, sabem quem é uma pessoa que está chegando, uma pessoa importante, aí máquina fotográfica, filmadora, câmara pra TV, tomou conta do Sting e expulsou, não é o índio que expulsou o Sting, é a própria imprensa.

(): Faiaka, o Sting quando ele esteve lá ele e o Raoni com o Sarney antes de vir pra cá, o Raoni falou de novo da terra da área ali do Bau..., como é isso pra vocês, qual é a importância dessa terra?

(): Eu acho que interesse, intenção do Raoni é que não deixa aquela parte de terra vazia no meio, tinha que ocupar também pelos índios, e também aquela parte antigamente morava vários índios e depois de contato todo mundo se afastou e ficou cada qual no seu lugar e deixou aquela área no meio e aquela área que está no meio não está livre, aquela área que está no meio tem alguns grupos de caiapós que não tem contato, tão morando naquela região, então a intenção do Raoni é juntar, quer dizer, é emendar o limite com todos esses limites caiapós, ou é área de..., então Raoni queria que o índio ocupasse aquela área toda, onde não gem

Bau

garimpeiro, não tem madeireiro, fazendeiro, aquela área é livre, não tem ninguém trabalhando, então o interesse do Raoni é que aquela área seja ocupada pelos índios.

(): Mas você acha que essa é uma luta que interessa a todos os caiapós? Que pode juntar todos os caiapós como juntou a luta da

(): Eu acho que se Raoni consultou outros índios pra lutar, pra ganhar essa terra vão juntar e nós vamos ganhar essa terra, agora, se interesse de Raoni querer essa reserva sozinho e ficar mais ao lado do Sting, ao lado do estrangeiro pra conseguir essa terra eu acho que ele não vai conseguir não, porque o governo sabe que está ao lado do estrangeiro, vai querer dizer que estrangeiro está enrolando índio, aí fica mais difícil ainda pra ele, agora, se nós índios começamos a lutar, começamos a se reunir e explicar pro governo que nós queremos é algum estrangeiro apoiando-nos a gente consegue, agora, ele tá atrás do estrangeiro que está à frente de conseguir essa terra pra os índios e o estrangeiro, então por isso, sei lá, pode ser que consegue, mas vai lutar pra ver se consegue.

(): Você chegou a conversar sobre isso com o Raoni, ou não?

(): Eu nunca perguntou ele sobre esse projeto. Eu queria que ele explicasse, eu não tinha interesse de perguntar, mas eu vou perguntar pra ele pra ele dizer o tipo de luta que ele vai ter pra conseguir essa terra.

(): Agora, você disse que nessa terra tem outros grupos arredios, vocês já tiveram contato com esses grupos, esses grupos são mesmo caiapós?

LADO B

(): O tem caiapó misturado com outros índios? O que que vocês conhecem sobre esses grupos?

(): Não. Até agora nós temos uns 2 grupos ainda que não apareceram, quer dizer, aparecem algumas vezes e some depois. Por exemplo, nós temos o grupo de... que até agora ninguém conseguiu de encontrar com ele nem ele quis aparecer, quer dizer, existe ainda esse grupo, e nós temos outro grupo que chamam Pituiaru, o mesmo grupo de Caiapó, mesma família de Caiapó, então nós temos contato inclusive minha aldeia em 72 nós tivemos várias vezes contato com esses grupos e depois foram embora, depois nós ficamos sabendo que tinha aparecendo outros grupos na aldeia do Raoni tava querendo que fica pra os índios realmente tem os índios que tá naquela região.

(): Pra arrematar um ponto que o Zé abriu, o negócio da relação com a imprensa, você disse que a relação com a imprensa foi boa, que que vocês esperam do pessoal da imprensa que esteve aqui, teve muita gente fotografando, muita gente fazendo filme, muita gente documentando e vocês não deram nenhum aviso lá na reunião pro pessoal da imprensa, gostaria de pedir, de deixar registrado alguma expectativa, algum pedido que vocês tenham, que o pessoal

mande esse material pra vocês, o pessoal vai gravar isso aí pra gente poder montar.

() : É, nós somos a primeira vez que nós convocamos a imprensa e eu tinha essa idéia de cobrar, de divulgar toda a filmagem, todas as imagens e devolver também a cópia de todos os trabalhos, mas eu deixei de não falar isso, confiando em todo mundo e a próxima vez, se não aparecer nada de ajudar, de divulgar, interessar pela causa indígena, não somene pela causa indígena pela defesa de nossa floresta, de nossa Amazônia, aí se o índio quiser convocar mais imprensa vai cobrar a cópia do trabalho, vai cobrar o trabalho dele, de uma taxa, quer dizer, já não confia, faz o trabalho, leva e não divulga e fica todo fechado, todo preso e não tem demonstração ao público pra todo saber o que está acontecendo então, a próxima vez quem quiser filmar tem que pagar uma taxa ou então devolve a cópia do trabalho.

() : Mas e agora, vocês não teriam interesse em ver a cópia do que foi feito aqui?

() : Nós não temos relação de nomes, quem é essa pessoa que tá filmando.

() : Tem sim

() : Tem?

() : E você pode pedir também que através do vídeo a gente pede pra outras pessoas?

() : A gente fez pra vocês um cadastramento, quer dizer, nós estamos com todo o endereço do pessoal que fez.

() : Se você quiser fazer depois uma carta pedindo, gente faz uma carta e manda pelo correio pra todo mundo pedindo.

() : É, eu acho que é bom mandar uma cópia pra que nós vamos ficar com a cópia de um documento, porque fica registrado se algum de nós ou então qualquer pessoal falar qualquer coisa nós temos uma cópia de um documento pra mostrar pra eles que vocês trabalharam e não fizeram nada, não ajudou nada, não ajudou ninguém, ou então nós vamos dizer que realmente trabalhou e está aqui o documento dele, certo, então pra isso eu acho que nós queremos uma devolução de trabalho todo que foram feito durante o encontro.

() : Faiaka, você achou importante a presença aqui na reunião dos deputados, dos parlamentares, como que você viu?

() : Eu tou achando importante porque entre ambientalista e o índio, ambientalista ele sabe muito bem que está defendendo a Amazônia, está estudando ecologia e nós índios sabe que nós queremos uma mata sadia, queremos rio sadio, queremos rio sem contaminação, quer dizer, todo mundo sabem muito bem disso, agora, tem outro lado as pessoas que trabalham com a lei também, então é importante de ter o deputado ouvido o índio, pra ele confirmar com a lei que eles próprios construíram, agora, sem o deputado acho um pouco assim sem válido de discutir sobre a preservação, eu eu acho muito importante o comparecimento dos deputados.

() : No encerramento do encontro no documento dos índos vocês falam do Congresso e vocês não falam do presidente, por que? Por que vocês falaram do Congresso, mas vocês não falaram no

presidente, vocês tem mais confiança no Congresso do que no presidente?

(): Eu acho que nós falamos Congresso porque parece, quer dizer, no nosso entender, que eu acho que o Congresso é um tipo assim publicidade, que tem um contato com o povo e eu acho que o governo, o presidente eu acho que depende de um nível de autoridade, então se juntar somente a autoridade vai decidir sem consultar com o povo pra fazer a barragem, agora, se nós temos um contato com o Congresso, com os deputados, ele vai ouvir outras pessoas pode ser até ouvir, pode até não ouvindo, vendo o índio conversando, então o governo, o presidente pode ouvir algumas pessoas que representam o índio, mas não direto com o índio, então nós acha assim Congresso talvez vai chamar o índio pra ouvir, por isso que nós temos se referindo mais ao Congresso.

(): Os deputados fizeram o documento deles e no documento deles eles estão convidando vocês pra ir discutir com eles lá no Congresso, que que você acha disso, você acha isso bom, você acha que isso deve acontecer logo, o que que você espera dessa conversa no Congresso?

(): Eu acho que é bom, porque a primeira vez que o próprio índio conseguiu esse diálogo com todo mundo, então eu acho que o índio pode chegar muito bem, explicar e ouvir a conversa de todos os deputados.

(): Vocês deram um presente para os deputados, deram para o Tadeu França uma lança. O que quer dizer aquela lança ? Por que vocês deram aquilo para ele ?

(): Uma lança que o Tuto deu para o deputado Tadeu França é uma arma de defesa e o cocar que o Tuto deu para a deputada Benedita é um enfeite, um enfeite normal, um enfeite. Pode ser que você não tenha um seu cocar legítimo de usar aquele cocar, é um cocar comum, é um simples, para qualquer pessoa pode usar, então ele deu presente para a deputada Benedita.

(): E com os outros índios que vocês tiveram aqui, você conversou com eles ? O que você achou, Faiakã ?

(): A participação deles ?

(): É, a participação, o que você achou dos que vieram de fora ?

(): Eu acho muito importante, porque próprio eles veio com boa intenção de ajudar nós participar desse encontro e, no mesmo tempo, eles vieram com a idéia deles, já perderam a terra deles, então houve uma oportunidade de outra nação conseguir ir conversar com muita gente. Eles acharam que estão aproveitando de comparecer para participar e colocar esse problema dele também. Então várias nações, vários outros grupos gostaram muito, gostaram mesmo.

(): Você acha que eles ajudaram na mesa, por exemplo, você viu que funcionou a mesa ?

(): Eu acho que eles ajudaram muito e algum dele eu acho que, por falta de pensamento dele muito bom, ele se referiu diretamente ao governo e muitas coisas foram ditas diretamente ao governo, eu acho que todo mundo acha que é uma crítica, mas para mim eu acho que não é crítica, nós estamos falando, quer dizer, eles estavam falando as coisas

que aconteceu, as coisas que eles viram, não através de documento, as coisas que eles viram de vista, de vista de perto, então eu acho que todos eles falaram coisas de verdade, mas não coisa através de documento.

(): Têm alguns índios que ficaram conhecendo você agora, nesse encontro, e disseram, inclusive, que gostariam que você e que outros Kaiapó pudessem visitar a terra deles e apoiar a luta deles também, assim como eles vieram apoiar a de vocês. Como é que você vê isso, você acha que os Kaiapó têm essa disposição de ir para outras terras de índios e lutar, vocês já fizeram isso antes, como é que é isso ?

(): Nós, os Kaiapó, nós estamos prontos para apoiar e ajudar qualquer grupo, qualquer nação, só que cada nação onde existe a FUNAI fica prendendo os índios, fazendo o medo para os outros grupos. Por exemplo, a idéia da FUNAI, sempre que diz, sempre critica nós Kaiapó, que nós Kaiapó consegue as coisas agredindo as pessoas, quebrando, então eu, dentro da FUNAI, tenho ouvido muitas próprias pessoas que são funcionários da FUNAI falando isso. Então nesse encontro, vários índios já conversou diretamente comigo e eles estão oferecendo para eu visitar, apoiar a luta deles, eu acho que daqui para frente há comunicação, a luta vai ficar diretamente entre os índios, mas não através da FUNAI.

(): Paiakã, agora que terminou a reunião, como é que vai continuar a luta ? O que vocês estão pensando ? Bola para frente, o que você está pensando, entendeu ? Em relação à questão da hidroelétrica e às outras questões que estão preocupando você, a terra Kaiapó, como você está pensando ?

(): Olha, daqui para frente nós temos duas lutas. Primeira luta é decidir a barragem, nós vamos continuar a luta, lutando sobre a barragem; e segunda luta, nós vamos lutar para conseguir a demarcação para o Baú, o ... e para o, três aldeias que estão sem a terra demarcada e fica um pouco perigoso para eles de invadir, ou então aproveita e retira toda a riqueza, por exemplo, ouro, madeira, e depois remarca a terra e a terra fica sem riquezas para os índios. Então são duas lutas nós estamos pensando em continuar.

(): E o pessoal do exterior, você recebeu convite ?

(): Do exterior eu recebi convite de boca, até agora, de ir para o Japão, ir para França e ir para o Canadá. Não está nada concreto, nada oficial o convite até agora.

(): E o que você espera, na continuidade da luta, dos grupos de apoio, da gente, do CEDI, do Núcleo de Direitos Indígenas que você pertence ? O que que você espera, quê que você acha que a gente deve fazer aqui para ajudar a luta dos Kaiapó ?

(): Eu diria até mais, como que você vê o trabalho nosso, do pessoal de apoio, e o quê que você espera daqui para frente ?

(): Bom, eu acho que já facilitou o trabalho para todo mundo, eu acho que todo, por exemplo, o CEDI já sabe a luta dos Kaiapó, através do jornal, da TV, todo mundo acompanhou a luta dos Kaiapó. Agora eu acho que todo mundo já acompanhou a luta de perto, então eu acho que facilita para todo mundo, todos os grupos que apoiam, por exemplo, o CEDI

vai ficar sabendo que realmente é importante a luta dos Kaiapó, se tem interesse de continuar na luta, vai continuar apoiando os índios, e os índios, já conhecendo também vários grupos, vai ficar confiando nas pessoas que vai apoiar. E também os grupos do Núcleo que foi fundado agora, eu acho que vai ficar mais fácil de trabalhar, porque aonde os índios vai buscar as informações diretamente, então, quer dizer, fica mais fácil de trabalhar porque todo mundo já se conheceu, já juntou a luta, então não pode dividir, não pode parar, já todo mundo lutando a mesma luta. Então eu acho que nós devemos continuar.

(): O que você espera da UNI, da União das Nações Indígenas ? Você acha que a UNI precisa continuar, precisa crescer ? Como que você acha que deve melhorar o movimento dos índios, para apoiar mais a luta dos Kaiapó e dos outros povos indígenas ? Como que você acha que essa união das lideranças indígenas deve funcionar ?

(): Eu acho que a UNI podia chegar mais, podia se aproximar mais à nação, aonde essa nação tem poder de luta. Então, a UNI ele está ligado mais à nação que não tem poder de luta, que não tem a política dele próprio lutar, então eu acho que a UNI já se aproximou mais dos Kaiapó e, no começo, eu chegava de falar algumas coisas para UNI e eu achava que a UNI está ligado somente alguns grupos de coordenadores, de organização, mas não organização que pode se transformar numa luta, quer dizer, organizar para discutir um probleminha, ficar levando a mensagem, o quê que aconteceu, não, e a prevenir o que vai acontecer, quer dizer, depois de acontecer levar a notícia que aconteceu, certo ? Então eu acho que a UNI tem que chegar mais à luta dos Kaiapó porque os Kaiapó não quer que aconteça, quer dizer, lutando para não acontecer, então, depois de acontecer não adianta mais mandar notícia, mandar recado que aconteceu também não é luta.

(): Vamos ver o que tem nesse pacote,

(): É uma pasta. É do CEDI, Imprensa - Primeiro Encontro dos Povos Indígenas do Xingú - Altamira - de 20 a 25.02.89.

(): Isso vai dar para ler um mês.

(): Está de trás para frente, está vendo ? Quer dizer, as primeiras notícias estão no fundo e vem até o dia 24.

(): Jornal da Tarde: "Assim os índios dizem não à usina".

(): E esse circula pouco fora de São Paulo.

(): Mas todas as TVs, no dia que aconteceu isso, essa foi a notícia.

(): ... a estória de mudar o nome, quê que você achou. A Eletronorte mudou o nome para Belo Monte, o Kararaô agora chama Belo Monte no papel, que que você achou disso ? Deles terem mudado o nome ?

(): Eu acho bom, pelo menos eles mudaram o nome, mas o estudo continua.

(): Foi o seguinte, Paiakã. Eu estive em Belém com a Barbara, que você esteve com ela em Washington... que nós fizemos uma reunião com o pessoal do governo do Brasil, com o Ministro da Fazenda para perguntar sobre projetos do Banco

Mundial. Bom, perguntamos sobre o processo contra vocês, Kube-í, também estava presente na reunião o Coronel Nascimento, do Conselho de Segurança Nacional, aí ele fez toda uma palestra para nós, ... que realmente os Kaiapó não são bons defensores do meio ambiente, que os Kaiapó estão nessa de garimpo, de madeira, inclusive. Aí nós colocamos que nós sabemos que eles têm uma série de problemas graves aí, que uma certa preocupação de que nem todas as entidades têm tanta informação sobre vocês. Seria possível, um dia desses, caras do Conselho colocarem esse argumento, vamos dizer, na imprensa ?

(): É, eu estava preparado para responder se caso algum representante do governo, Eletronorte, eu venho preparado para isso, por exemplo, eu vou explicar agora para vocês. Inventou de matar animais, aproveitar a pele, só para estragar, certo ? Só para destruir e ensinar para os índios, não é o próprio índio que teve a idéia de ``ah ! vamos matar os animais e vender a pele para os homens brancos, ele dá as coisas para nós``. O próprio homem branco inventou de ensinar a matar animais, aproveitar só a pele, estragar resto de carne, quer dizer, destruindo. Segundo, o próprio homem branco ensinou a usar o leite de uma madeira, certo, para negociar, para comercializar, para vender, para usar pneu de carro, usa muita coisa, certo, e o índio aprendeu de usar. O índio nunca teve a idéia do que é garimpo, próprio homem branco ensinou o índio a garimpar, certo. E depois o homem branco voltou de novo a ensinar outras coisas para os índios, quer dizer, o homem branco ensinou a vender a madeira.

Então, quer dizer, então agora nós estamos conscientizando os nossos povos o quê que já aconteceu, o quê que está acontecendo. Realmente, nas áreas dos Kaiapó tem o garimpo, mas não é que os próprios índios adquiriu o garimpo, governo João Baptista Figueiredo, junto com ministro Roberto Costa Couto, fizeram acordo de colocar garimpo dentro da reserva do Gortire, sem consultar cacique Totoi, e cacique, e cacique e o cacique e outros da liderança daquela região. Nunca, nunca consultaram, nós fomos encontrar o garimpo já montado pelo governo, certo. Outro também já tinha invadido a reserva, não tinha demarcado ainda, invadiram as reservas dos Kaiapó, tinha muita madeireira aproveitando a madeira dos Kaiapó, então, o próprio homem branco negociou com os Kaiapó e ele não conseguiu de entender e também não tinha pessoa ao lado dos Kaiapó para explicar para ele que não é bom vender a madeira, nós fomos sempre sozinhos, todo o tempo, na luta, na negociação, independentes. Então, quer dizer, hoje todo mundo tomou a consciência, nenhum mais está negociando madeira, está tudo parado. Então, realmente, muitas pessoas falou de nós, igual falando, os americanos que matam os índios e agora estão defendendo índio, que acabou a floresta agora estão defendendo a floresta, está certo, mas todos nós erramos, igual que eu tenho dito várias vezes para várias pessoas, antigamente nós, Kaiapó, se minha mulher morreu eu

estou cuidando meu filho, minha filha, eu não tenho parente, de repente qualquer coisa assim, ou então, está chorando, os guerreiros vêm, matam meus filhos, eu tenho que arranjar mulher para eu viver com ela, ter uma família, certo, para ser respeitado, ou se eu morrer e ela cuidando meus filhos e não tem ninguém que possa dar comida para as crianças, fica pedindo a comida, ou então ficar chorando, os guerreiros não vão ver, não vão criar, mata tudinho, mata até a mãe também. Então todos nós erramos, certo, quer dizer, nós erramos isso e agora nós reconhecemos, muitas pessoas antigas reconheceram e se arrependeram de ter feito essas coisas. Então, a mesma coisa, os americanos guerreavam com os índios, acabaram com os índios, hoje muitos cresceram, começaram a mudar idéia, começaram a estudar, começaram a ter amigo com os índios, hoje estão defendendo, acabaram com a floresta, agora estão vendo a floresta aqui da Amazônia e se arrependeram e estão estudando para ajudar, certo. Então todos nós erramos, nós erramos também em aceitar a venda de madeira que o próprio homem branco ofereceu dinheiro para negociar e hoje nós aprendemos, certo, e ninguém mais está negociando de madeira nenhuma, garimpo, não é que nós estamos aceitando garimpo, está risco de fechar o garimpo, certo, ninguém está satisfeito com o garimpo, a promessa do ministro Costa Couto eu estou aguardando aí para chegar e dizer, cadê a promessa que você fez? Quando é que você vai retirar todos os garimpeiros, nós não estamos mais satisfeitos com garimpeiros, que dia vai tirar garimpeiro? Eu vou mostrar a relação dos índios que já está contaminado de mercúrio, certo, e antes de aumentar eu vou levar e apresentar e dizer, olha, garimpo que você trocou pela demarcação, pediu para voltar os garimpeiros, já estão contaminados de mercúrio, está aqui o nome do índio, a idade dele, filho de tal, ele e tantos anos, já conheci ele quando ele era pequenininho, ele é adulto, vou até tirar fotografia de cada índio, junto com o nome, levar para apresentar que está contaminado, certo, então não é que nós, os Arara, os Asurini, não estão sabendo o que é garimpo, o que é a madeira, certo? Agora, se o homem branco chegar e ensinar, dar o dinheiro que derruba madeira, você me dá madeira vou te dar esse tanto de dinheiro, aí ele vai pegar o dinheiro e vai achar que é bom, certo, mas depois de algum tempo, ele vai aprender e vai se arrepender, vai dizer, poxa, mas eu perdi, não deveria ter aceitado porque já tirou toda a minha madeira! Agora, eu sei falar português, poxa, ninguém ajudou, acredito que ele ficar igual a gente, eu, brigaram muito comigo, os próprios meus parentes até faltava me bater, certo, e hoje todo mundo aprendeu e todo mundo várias vezes veio pedir desculpa, que eu tinha razão, certo, então não é os índios, vem ensinar a vender a madeira, vem ensinar a garimpar, vem ensinar a matar os animais para tirar a pele. Não, o próprio homem branco que ensinou, o próprio governo, que cada vez que assume tem seus erros, de cometer erro.

Então eu estava preparado para dizer isso, estava na agenda, estava tudo guardado, estava esperando de alguém tocar, ninguém tocou, também não falei, certo ?

(): Grande, grande, grande.

(): E alimentação dos índios não come jacaré e nós, os Kaiapó, que todas essas outras nações como jacaré, estava acabando com jacaré só para comercializar a pele de jacaré para vários países, certo ? Agora vem dizer que índio não é bom preservador, não é bom ambientalista, quer dizer, nós já fomos bons, nós fomos destruídos agora. Agora nós estamos recuperando de novo, e nós vamos recuperar.